

OS PORTOS DE FALEROS E PIREU: DEMARCAÇÃO DOS LUGARES DE MEMÓRIA DOS AGATHOI ANDREIA E DOS EMERGENTES NA ATENAS CLÁSSICA

Alair Figueiredo Duarte¹
Maria Regina Candido²

Resumo: As atividades mercantis e comerciais em Atenas receberam estímulos pecuniários sem precedentes, promovidas pela ação marítima no sentido militar e mercantil. Nos propomos analisar a sociedade dos atenienses e o processo de emergência para uma nova ordem econômica no período entre o V-IV a.C.. A ação permitiu a expansão marítima dos envolvidos com as atividades relacionadas ao mar cuja materialidade se faz presente junto à organização de rituais realizados nos portos de Atenas ou seja, o espaço geográfico do porto tornou-se lugar de preservação de memórias na luta pela construção do fator de identificação social das famílias tradicionais/*genoi agathoi* no porto de Faleros e das famílias emergentes/novos ricos no porto de Pireus.

Palavras-Chave: ritual; memória; Pireu; Faleros; Oschoforia.

THE PORTS OF PHALEROS AND PIRAEUS, DEMARCATION OF THE PLACES OF MEMORY OF THE AGATHOI ANDREIA AND THOSE EMERGING IN CLASSICAL ATHENS

Abstract: The mercantile and commercial activities in Athens received unprecedented monetary stimuli, promoted by the maritime action in the military and mercantile sense. We propose to analyze the society of the Athenians and the process of emergence for a new economic order for the period between V-IV BC. The action allowed the maritime expansion of those involved with activities related to the sea whose materiality is present with the organization of rituals performed at the ports of Athens. Thus, the geographical space of the port became a place of memory preservation in the struggle to construct the social identification factor of the traditional / *genoi agathoi* families in the port of Faleros and the emerging / new rich families in the port of Pireus.

Keywords: ritual; memory; Pireu; Phaleros; Oschophoria.

* O artigo integra a pesquisa financiada pela bolsa Prociência/UERJ/FAPERJ.

¹ Alair Figueiredo Duarte, doutor em História Antiga pela PPGHC/UFRJ (PROATEC/UERJ).

² Maria Regina Candido, professora de História Antiga da UERJ e Coordenadora do NEA/UERJ www.nea.uerj.br e do PPGH/UERJ.

Na sociedade helênica, os grupos sociais/*fratrias* lutavam pela preservação de sua memória, garantindo assim a sua historicidade. Por esta razão, o indivíduo somente possuía valor se estivesse inserido na coletividade atuando como cidadão na ágora, no porto, no teatro e na Acrópole; todos esses espaços eram lugares públicos e de exercício da política e mobilizavam a preservação da memória. Nesse sentido, devemos compreender que a memória, não se encontra na esfera da individualidade e sim na existência coletiva preservada por grupos sociais. Michel Pollack nos afirma que a memória é construída, herdada e detém flutuações e articulação entre a memória do indivíduo, isoladamente, e a memória do grupo social no qual se encontra inserido. Em geral, a memória individual se organiza em função do momento em que ela é articulada junto à *memória coletiva* por meio de datas selecionadas (mitos e ritos), que remontam as comemorações, as quais não deixam de demarcar os confrontos e lutas políticas (POLLACK, 1992: 204) visando ratificar o seu lugar de comemoração. Para nós, helenistas, a *memória* apresenta-se como um fator identitário das antigas famílias gregas/*genoi*, servindo também, como propulsor do sentimento de continuidade, de poder de grupos sociais/*fratrias* que se reconhecem como semelhantes, defendem a tradição dos ancestrais e as mesmas ideias políticas.

Nos propomos analisar a sociedade dos atenienses e seu processo de emergência para uma nova ordem econômica para o período entre o V-IV a.C.. A ação permitiu a expansão marítima dos envolvidos com as atividades relacionadas ao mar cuja materialidade se faz presente junto à organização de rituais realizados nos portos de Atenas ou seja, o *espaço geográfico* do porto tornou-se lugar de preservação de memórias e de luta pela construção do fator de identificação social das famílias tradicionais/*genoi agathoi* no porto de Faleros e das famílias emergentes/novos ricos no porto de Pireus.

A historiografia representada por Robert Garland (1987); Jean Nicolas Corvisier (2008); Lionel Casson (1991); e Tailladart (1994); nos aponta que o V século foi o período de expansão dos atenienses sobre o Mar Egeu em direção ao Mar Mediterrâneo e chegando a alcançar o Mar Negro. As atividades mercantis e comerciais em Atenas receberam estímulos pecuniários sem precedentes, promovidas pela ação marítima no sentido militar e mercantil. Heródoto nos relata que as motivações provêm do estrategista Temístocles ao citar:

estavam acumulados no tesouro público dos atenienses grande soma de recursos provenientes das minas de Láurion; cada cidadão ia receber sua

parte à razão de dez dracmas por pessoa; Temístocles os persuadiu então a renunciara essa distribuição e a construir dezenas de naus para a guerra...(HERODOTO, VII: 144).

O historiador acrescenta ainda que a guerra se tornara a única salvação da Hélade, pois compeliu os atenienses a tornarem-se marinheiros, ou seja, proporcionou aos atenienses a enfrentarem os poderosos inimigos persas em Salamina através do mar. O tema foi relatado por Tucídides (I:74) e Plutarco (Temístocles, v. 4), além de ser analisado pela historiografia (CANDIDO, 2016: 115). Neste sentido, entendemos quando Tucídides, no livro I, da sua *História da Guerra do Peloponeso*, faz uma arqueologia mnemônica do valor do domínio e expansão sobre os mares para o êxito e prosperidade política de Atenas no período clássico. Consideramos que o estrategista-historiador busca trazer à memória dos atenienses a supremacia marítima e a hegemonia sobre a espacialidade que denominamos de *espaço territorial* dos Mares Egeu e Mediterrâneo. Através dessa perspectiva, nos propomos apresentar o processo de manutenção da memória do grupo social da aristocracia ateniense e seus ritos na região do Porto de Faleros, assim como o processo de construção da memória dos integrantes da emergente atividade comercial e mercantil sediados nas áreas do Porto do Pireu.

O território ateniense encontra-se permeado de lugares de memória, os quais foram demarcados e legitimados por mitos, ritos e espaços geográficos os quais nos permitem identificar o segmento social que realiza cultos em busca de manter viva a sua memória. Portanto, torna-se patente que o *lugar de memória* pode pertencer a aristocracia fundiária/*agathos andres* ou à oligarquia comercial e mercantil/*olighos andres*, pois ambas lutavam contra o esquecimento através das comemorações, de seus mitos que ratificavam a demarcação de uso dos espaços geográficos como lugar de memória.

Para entendermos o que é um espaço geográfico, há necessidade de definir as diferenciações entre espaço e território. Segundo Haesbaert (2007: 42), o conceito de território é constituído de elementos simbólicos, sendo, portanto, um espaço dominado por determinadas técnicas que se constituem através de práticas sociais (LEFEBVRE, 2000: 191-192), que se encontram inseridas no corpo comunitário sob a análise da relação binária: espaço e poder (HAESBAERT, 2007: 39).

Noutra perspectiva, território se trata de uma espacialidade dividida através da delimitação de fronteiras ratificadas pela ritualidade, entendidas como ação de civilidade e

da política. Marcel Detienne (2004: 49), ao destacar os traçados de fundação, aponta que os ritos de renovação servem para reorganizar os espaços em processos de mudança; nessa especificidade, “são os limites que geram as aldeias e não as aldeias que geram os limites”. Destacamos na abordagem a tensão existente quanto a delimitações de fronteiras, a fundação de territórios não se encontra condicionada exclusivamente à ação de um herói ou deus fundador, pois, como menciona M. Detienne (2004: 50), há sociedades cujos deuses fundadores não são estrangeiros, estão lá desde a criação e uso dos espaços geográficos.

Em relação aos ritos, compreendemos os rituais como demarcadores desses territórios³ e lugares de memória, cuja ocupação e uso os transformam em espaços sagrados, formando a identidade de grupos que circulavam pela região do Pireu e de Faleros, assim como ocorria com os demais gregos da Hélade (FIALHO, 2009: 23). O espaço geográfico do porto gradativamente foi se transformando em espaço socializado segundo as culturas que por lá circulavam, as tradições que ali ratificavam as relações de poder, base de toda a organização que funda a territorialidade.

Na análise que realizamos sobre o Porto do Pireu, iremos dialogar com os conceitos estruturados por Milton Santos⁴, tangenciando as significações que o autor atribui à palavra *território*. Nessa conjuntura, um ambiente portuário possui todos os elementos nos quais essas conceituações se fazem representar. O ambiente do porto configura-se como um território de trocas comerciais, de ideias e de organização dos espaços geográficos compartilhados. Neste espaço geográfico, cada grupo encontra seu lugar de inserção e de ação política; assim, definimos o *espaço geográfico* portuário dos atenienses como sendo de natureza socializada. Afirmamos que os espaços geográficos portuários de Faleros e do Pireu, no recorte temporal do V-IV a.C., passaram a ser demarcados segundo as identidades e as memórias de seus habitantes

³ O território, o qual já vimos, trata-se de um fenômeno mais complexo que a conceituação de espaço e mostra-se como o resultado de forças que se cruzam e entrecruzam em variadas intensidades e ritmos, permitindo emergir variações de territorialidades. Tal perspectiva nos demonstra e permite inferir que a territorialidade e seus fenômenos identitários encontram-se submetidos aos processos imaginários. Portanto, é possível admitir que o discurso mítico referente à fundação de um território tangencia elementos políticos, os quais exigem legitimação quanto ao uso e à posse dos espaços geográficos com a finalidade de perpetuação da memória.

⁴ Nesse sentido, o pesquisador afirma que o conceito de território se divide em dois princípios básicos, territórios horizontais e territórios verticais. Enquanto o primeiro se refere a espaço físico e contínuo, no qual as fronteiras políticas se demarcam; o segundo refere-se à territorialidade do mundo das culturas e das relações mercantis, as quais possuem fronteiras fluidas e sub existem as demarcações políticas (SANTOS, 2001: 80-85).

Os cidadãos que circulavam pelas áreas portuárias a compreendiam como lugar de exercício da política e da memória, que se encontravam em luta pela sua perpetuação. Contudo, as territorialidades portuárias se encontravam numa relação binária de oposição quanto aos seus objetivos. Enquanto em Faleros percebemos uma aristocracia fundiária que visava perpetuar uma tradição ancestral ratificada como paradigma de uma *memória coletiva* comum à aristocracia/*agathoi andreia*; no Pireu emergia a possibilidade do surgimento de práticas, mitos de uma memória *recente* de uma oligarquia marítima emergente/*olighoi andres* e de uma população voltada às práticas e atividades relacionadas ao mar.

Portanto, ao analisarmos a pólis dos atenienses no período Clássico, podemos delimitar que os espaços sociais se dividem em lugares que se complementam através de três esferas, as quais denominamos: memória, mito e *espaço geográfico portuário*. Todos definidos de acordo com a memória coletiva e sob a hegemonia dos grupos políticos que os administravam. Nicole Loraux, na obra *La Ciudad Dividida* (2008), nos alerta do perigo em analisar a pólis de Atenas no período clássico, como uma comunidade homogênea. A autora ratifica que a pólis ateniense comportava grupos sociais cuja diversidade de interesse, por vezes, poderia promover a *stasis*, e por isso se encontrava sob constante tensão dos embates políticos. O espaço da *ágora*, por exemplo, por ser o centro político da pólis, seria um possível lugar conciliador do *agon/embate*, pois o termo *agorai* designa o ato de se reunir ou lugar para dirimir o *agon*. Contudo, ao determinar o triunfo como a lei da maioria, tudo volta à normalidade do cotidiano ateniense (LORAUX, 2008: 99). O segmento social da aristocracia agrícola reforça a sua ancestralidade na região do Porto de Faleros e demarca o seu espaço geográfico através do *Ritual da Oschoforia*, enquanto os emergentes das atividades comercial e mercantil constroem a sua identidade e memória⁵ na região do *Porto de Pireu*, mantendo interface com a pluralidade cultural e de ritos religiosos estrangeiros trazidos pelos contatos comerciais. Nessas perspectivas, os espaços na pólis dos atenienses, através dos portos, construíam seus *lugares sagrados*, os quais interagem diretamente com as relações de poder em luta contra o esquecimento.

⁵ A propósito do conceito de memória, por este possuir significações polissêmicas, segundo Marcel Detienne, é definida como função do passado individual. Vivência pessoal do indivíduo era indispensável para o surgimento e a propagação de uma memória coletiva. A memória não é um estoque de informações; ela se trata de um passado presente, no qual o indivíduo reconhece a sua identidade dentro das pluralidades de grupos que circulam em uma sociedade (DETIENNE, 2004: 74-75).

Consideramos que na distinção entre *memória coletiva* e *memória individual*, há uma parceria entre história e memória com sua distinção, as quais supra citamos. As memórias coletivas só poderem acionar o passado até certo limite, sendo o tempo, entendido como história, um diferencial que a impede de conhecer os fatos. A história precisa se distanciar no tempo, do fato acontecido, para acionar as memórias dos episódios através da apropriação fragmentada, caso contrário, corre-se o risco de acionar o esquecimento⁶ (CANDIDO, 2016: 27).

O tema não deixa de se constituir como um jogo de poder que atua na construção do *imaginário social* de quem escreve e ratifica a construção de fronteiras historiográficas. Como jogo de poder, a ação torna-se perceptível nos períodos de comemoração e na atualidade passa a ser entendida como patrimônio cultural de uma sociedade. A ação requer a materialização através da construção de *espaços de memória* associada à produção historiográfica que perpetua o evento, constrói um *lugar de fala* do grupo de pesquisadores comprometidos com a realização e a comemoração do evento. Segundo Ironita A. Machado, as produções historiográficas representam criações nas práxis existenciais que asseguram, ao mesmo tempo, a perpetuação da memória de grupos sociais e de instituições que lhe são precedentes (MACHADO, 2012: 5).

Identificamos o grupo social composto de professores e pesquisadores de História cujo lugar de fala assenta-se nas instituições de ensino superior associadas aos espaços dos museus como lugar de memória. Como afirma Pierre Nora, a memória é a vida, sempre carregada por grupos e está em permanente transformação, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática de algo que deixou de existir: enquanto a memória está ligada ao tempo presente, a história torna-se uma representação do passado diante da aceleração do tempo-história (NORA, 1981: 9).

Consideramos que documento e a produção historiográfica fornecem sentido de continuidade, pertencimento, identidade e distinção na hierarquia social, ou seja, permite a

⁶ A discussão a respeito de memória e esquecimento e a recepção do conhecimento histórico perpassa pela produção historiográfica que está envolta de múltiplos objetivos, significados, uma vez que as contribuições para a formação da identidade as colocam em interação. A professora Ironita A. P. Machado, no artigo “História, Patrimônio e Cidade: uma questão política”, considera a necessidade de se questionar sobre os objetivos, a circulação e o público que interage com a produção historiográfica, para evitar que se torne infértil a sua abordagem pelo pesquisador (MACHADO, 2012: 2).

construção do *imaginário social* de ser o rito, os mitos gregos e o espaço geográfico susceptíveis de nos revelar os embates e a disputa de poder entre grupos sociais atenienses em busca da manutenção de seu *lugar de memória* a ser perpetuada.

Torna-se interessante a construção de evento comemorativo identitário associado ao *lugar de memória* em que se pretende atingir um amplo público de forma a transformá-lo em *lugar social da recordação*. Ironita A. Machado considera que princípios elitistas possuem a capacidade de potencializar no cotidiano a exclusão já contida na memória social que os une. A autora acrescenta que um dos problemas da implantação de *lugares de memória* ou *lugar social da recordação*⁷, visando a comemorações de eventos políticos, está no fato de parte dos participantes não entenderem muito bem a ação, o ocorrido, nem reconhecem bem o sentido de muitas denominações e fatos históricos envolvidos (MACHADO, 2012: 5).

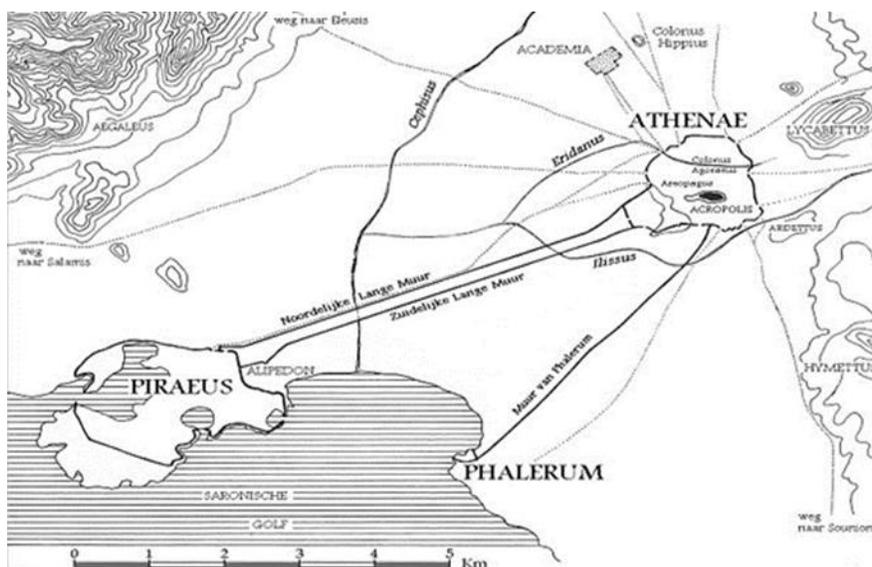
O evento torna-se um planejamento da elite, configurando-se como comemoração de poucos, porém, imaginada como sendo um pertencimento de todos, pois a escolha, o planejamento e o desenvolvimento da atividade, caracterizam-se como uma espécie de vigilância comemorativa (MACHADO, 2012: 6). Peter Burke, denomina de *estrutura social da memória* e considera que as memórias são construções dos grupos sociais (BURKE, 2000: 70). Embora sejam os indivíduos que lembram, são os grupos sociais de liderança que determinam o que deve ser lembrado e de que forma deve ser lembrado/comemorado, definindo a memória como uma reconstrução do passado.

As considerações acima, que se aplicam na análise da região portuária dos atenienses, nos permitem afirmar que em meio à forma de governo democrático havia espaço para a identificação da hierarquia social, política e econômica. Como estudo de caso apresentamos a Baía de Faleros como área portuária de acesso da pólis dos atenienses, cujo rito de passagem para a idade adulta estava direcionado aos filhos da aristocracia/*agathoi andreia* desde tempos imemoriais. Entretanto, percebemos no período clássico uma mudança de direção para o Porto do Pireu, definido como área cosmopolita e multicultural. Ambos, como *espaços geográficos portuários*, nos permitem analisar o processo de formação de identidade, a construção da memória e civilidade que circulavam no

⁷ O termo citado pertence a Pierre Nora, que o define como formas de manifestação coletiva para vivificar, recordar, zelar para que não haja esquecimento de vivências passadas, representadas em monumentos e construções de lugares de memória de determinados grupos (NORA, 1981:10).

imaginário social ateniense no período Clássico. No mapa nº 1 evidenciamos a localização dos espaços geográficos dos portos mencionados.

Mapa 1 – Região dos portos de Faleros e do Pireu



Fonte: www.wikiwand.com/sk/Platónska_akadémia, acesso 20/12/2019

Lugares sagrados, como nos aponta Maria do Céu Fialho, são os lugares de memória nos quais são cultuados deuses, heróis e ancestrais (FIALHO, 2009: 23). Portanto, o porto de Faleros estaria inserido como *lugar sagrado* na memória e identidade das famílias aristocráticas atenienses, que, em conformidade com as narrativas míticas, nos relatam que Faleros foi um herói ateniense que participou da expedição dos Argonautas e que combateu na guerra dos Centauros ao lado de Teseu (herói unificador do território ático). O *espaço geográfico* da região de Faleros foi marcado como local de partida da armada de Menelau para conquistar Troia e o embarque do herói Teseu para a ilha de Creta visando livrar Atenas do subjugo da ilha através da morte do Minotauro (GARLAND, 1987: 11-13).

A narrativa heroica manteve a sua memória entre os atenienses através do *Ritual da Oschoforia* instituído por Teseu (PLUTARCO, *Teseu*, 23). O termo *oschoforos* aponta para o segmento social da aristocracia, pois se refere aos ramos de parreira com frutos, que os

jovens efebos, vestindo indumentária feminina, dedicam como oferendas nos santuários em Atenas e na região de Faleros.

Oliver Pilz nos indica que o festival da Oschoforias era celebrado no período do outono, identificado como *Pyanopsion*, ou seja, mês de outubro. No calendário ático, o ritual é representado com figuras em alto relevo em que se destaca um jovem nu portando um ramo de parreira com cacho de uva, denominada de *oschoi*. O ritual foi mencionado por Plutarco, que trouxe à memória dos atenienses a narrativa mítica de Teseu e sua aventura na ilha de Creta, a saber:

A festa das Oschoforias que ainda hoje se celebra, foi instituída por Teseu. É que ele não levou todas as jovens tocadas pelo sorteio, mas substituiu duas por jovens seus companheiros, de aparência feminina e delicada, mas de ânimo viril e corajoso. Com banhos quentes, uma vida à sombra, unguentos e adornos sobre o cabelo e a pele macia, Teseu transformou-os na medida do possível, ensinando-lhes também a falar, a estar e a caminhar de modo a assemelharem-se o mais possível a raparigas e em nada se diferenciarem delas. Em seguida, integrou-os no grupo das jovens (PLUTARCO, Teseu, 23.2)

Integrava o ritual da Oschoforias, a procissão/*pompé* que prosseguia do santuário de Dionisos em Atenas seguindo até o templo de Atenas Skiras, na região de Faleros, local onde se realizam os sacrifícios e libações aos deuses cultuados pela aristocracia (PILZ, 2011: 156). O ritual simboliza a fertilidade do solo agrícola e a fecundidade masculina (EVANS, 2010: 186), mas deixa transparecer o *agon* (embate, disputa) que fazia parte da elite da sociedade grega, pois culmina com a disputa atlética na região de Faleros, onde os jovens efebos participavam em diferentes modalidades desportivas. Os jovens em disputa representavam os *genoi agathoi*, ou seja, os melhores atletas das diferentes famílias e grupos da aristocracia, proprietários de terras, que demarcavam o seu lugar social em honra às divindades comemoradas na região de Faleros. A liderança do culto transitava entre dois grupos familiares de Salaminioi (da região de Salamina), revelando o prestígio da atuação do *genos* na organização e realização do ritual (PILZ, 2011: 157).

Por outro lado, o Porto do Pireu, lugar adequado para identificar a nova ordem política ateniense em processo de formação no século V a.C., no qual emerge a construção

de novas memórias, novos mitos como Caronte⁸ (cuja existência só ocorre no período clássico em Atenas) e identidades do segmento social relacionadas às atividades do porto do Pireu. Pseudo Xenofonte, na obra *Constituição de Atenas*, tece severas críticas ao sistema democrático ateniense, que privilegiava os menos abastados em detrimento dos cidadãos de maiores recursos, vejamos: “...os ricos organizam as competições desportivas e equipam os *trirremes*. O demo entende que deve ser pago para cantar, dançar e tripular os navios de forma a enriquecer cada vez mais, e os ricos a ficarem cada vez mais pobres” (PSEUDO-XENOFONTES, v. I.13).

Barry Strauss (1996: 313-325) destaca que, no período Clássico, a pólis dos atenienses necessitava de se reeducar diante da emergência da nova ordem social proveniente das atividades comerciais e mercantis do período. Nesse contexto, o Pireu encontrava-se mais bem adaptado às atividades dos emergentes como no expos Tucídides ao citar:

Temístocles persuadiu-os também a terminarem as muralhas do Pireu" iniciadas durante o ano em que ele foi arconte dos atenienses, pois pensava que o Pireu, com seus três ancoradouros naturais, era um excelente local para ser desenvolvido, e que a transformação de Atenas numa cidade de marinheiros seria uma grande vantagem para os atenienses, com vistas ao incremento de seu poderio, realmente, foi ele o primeiro a se atrever a declarar que eles deveriam voltar-se para o mar e a ajudá-los em seguida a lançar os fundamentos de seu império. (TUCIDIDES, I.v. 93)

O novo porto ateniense possuía três ancoradouros como deixa transparecer o mapa nº 2: Cântaro a oeste, ancoradouro principal e entreposto comercial; além de Zea e Muniquia a leste, nos quais aportavam os navios de guerra. Todos os três eram eficazes diante do alto padrão operacional de seus estaleiros (GARLAND, 1987: 7-8), e ficava a aproximadamente 7 km de distância do espaço político, econômico e social da Ágora de Atenas.

⁸ A indumentária de Caronte, khyton curto com apenas uma alça amarrada no ombro e o pilos/gorro, também nos chama a atenção e nos leva a supor que representa o segmento social emergente que buscou construir a sua jornada para o Hades sob uma orientação alternativa, ou seja, uma nova maneira de usar os símbolos referentes a morte, que deixa de representar a bela morte dos guerreiros/*agathoi andreia* na figura de *Hypnos e Tanathos* para se aproximar do cidadão comum emergente das atividades comerciais e mercantis que trabalhavam no espaço urbano multicultural do porto do Pireus.

Mapa 2 : Planta do Complexo Portuário do Pireu – Cântaro, Zea e Munychia



Fonte: DICKS, 1986: 143

O Pireu, como *espaço geográfico* cosmopolita e multicultural, tornou-se o entreposto comercial mais ativo do mundo grego, resultando em ponto de concentração de uma população heterogênea, atraída pelas atividades de trocas, compostas por cidadãos do Pireu, cidadãos de Atenas, metecos, estrangeiros e escravos (GARLAND, 1987: 59). As atividades de trocas comerciais e mercantis ofereciam ao cidadão ateniense de poucos recursos uma oportunidade alternativa e de sobrevivência ao espaço rural e agrário. A alternativa tornou o Porto do Pireu uma área de integração multicultural de cidadãos atenienses e estrangeiros com interesses comuns, ou seja, prosperar com as atividades de trocas, comércio e oficinas de produção de artefatos e cerâmica. Estas atividades foram desenvolvidas em função da dinâmica da população urbana, da proximidade com o mar e a existência de recursos naturais específicos como vinho, azeite e argila de qualidade (CANDIDO, 2004: 40).

A *nova ordem social* em que estava inserida a expansão das atividades comerciais e mercantis criava um ambiente que divergia do *imaginário social* de identidade e memória das famílias aristocráticas, que possuíam uma postura acentuadamente de preservação do

passado, do controle e manutenção da tradição dos ancestrais. O Pireu, por ser um lugar afastado da Ágora, centro gravitacional do espaço geográfico político da pólis, mostrava-se mais cosmopolita, mais próximas aos novos cultos e deuses estrangeiros trazidos através do contato com culturas e religiões não gregas.

Robert Garland destaca os diversos cultos que eram praticados no espaço geográfico do Pireu, dentre eles alguns estrangeiros: cultos à divindade Tyche, a deusa Afrodite, a deusa Ártemis, culto a Baal, ritos à deusa Ísis e Serápis (GARLAND, 1987: 110). Consideramos que o Porto do Pireu emergiu como fator indetentário de um espaço permeado por uma *identidade compartilhada* entre atenienses e estrangeiros em constante processo de ressignificação. A ação chamou a atenção de Platão, que, ao iniciar a sua obra no Livro I da *República*, mencionou o ato de Sócrates descer em direção ao porto, ou seja, *katabaino eis Peiraia*, visando participar do culto estrangeiro da deusa Bendis (PLATÃO, *República*, v. 327a), culto introduzido em Atenas em 429 aC. pelos trácios (P.Foucart, 2018: 131). A presença do culto a deusa trácia Bendis realizado no *topos* do Porto do Pireu, ratifica a região como *espaço geográfico multicultural*.

Entre os atenienses, as práticas cotidianas na área do Pireu deixam transparecer a proximidade com os estrangeiros, seus cultos e as suas divindades, que paulatinamente se fundiam ao cotidiano e práticas sociais atenienses, resultando em novos ritos como as práticas da magia de fazer mal ao inimigo usando os *defixiones*⁹, a circulação de atenienses atuando como sacerdotisas da deusa Ísis assim como a participação de trácios e atenienses no culto em honra à deusa Bendis¹⁰. Esse tipo de contato e atividade encontraria menor resistência junto aos emergentes das atividades comerciais e mercantis compostas em parte

⁹ O tema sobre os defixiones ou katadesmoi que tem por fim fazer mal ao inimigo detém uma acentuada historiografia no campo da arqueologia e filologia como deixam transparecer as publicações de Hans-Dieter Betz e a coleção *The Greek Magical Papyri in Translation* (1981), D. R. Jordan (1985) *A Survey of Greek Defixiones Not Included in the Special Corpora*, A. Bernand com Sorcier *Greeks* (1991), Christopher Faraone and Dirk Obbink com o livro *Hiera Magika* (1991) and John Gager (1992), com o livro *Curse Tablets and Binding Spells*, Roy Kotansky (1994) com a coleção *Greek Magical Amulets*; Amor López Jimeno (2001) com o livro *Textos griegos de maleficio*; Daniel Ogden com *Magic, Witchcraft and Ghost in the Greek and Roman world: A source book* (2002), Francisco Marco Simon e Richard L. Gordon (2010) com a publicação *Magical practice in the Latin West* e Andrew T. Wilburn (2012) com o livro “*The Archaeology of Magic in Roman, Egypt, Cyprus, and Spain*.”

Ver também M^a R. Candido no livro *a Feitiçaria na Atenas Clássica* de, 2004.

¹⁰ As escavações arqueológicas apontam a presença de estelas de mármore, IG.II²337, que evidenciam as solicitações dos mercadores citas no IV a.C, interessados na construção de santuário dedicado a divindade estrangeira semelhante a deusa Afrodite Ourania. O solicitante menciona na epigrafia que deseja o mesmo tratamento que foi concedido aos egípcios para a construção de santuário da deusa Isis na região do Pireu (R.GARLAND, 1987: 337).

por camponeses empobrecidos com a Guerra do Peloponeso cuja alternativa foi a opção pelo espaço urbano atuando nas atividades comerciais de produtos no varejo.

As comédias de Aristófanes nos indicam o cotidiano destes pequenos artesãos e comerciantes situados na praça de mercado da *ágora* de Atenas e no Pireu. Eles atuavam como intermediários dos grandes mercadores de *emporion* ou em atividades de produção como padeiros que vendiam seus produtos diretamente aos interessados, sapateiros que produziam e consertavam sandálias, mercado de carne com açougueiros e salsicheiros. Platão ratifica as atividades do espaço urbano ao citar:

...é possível fornecer ao corpo alimentos, se ele tem fome, bebidas, se tem sede, vestes, cobertores, calçados, se tem frio, numa palavra, tudo aquilo que o corpo pode {...} como todas estas coisas são fornecidas pelo retalhista, comerciantes, por atacado ou artífices que as fabricam, padeiro, cozinheiro, tecelão, sapateiro ou curtidor, não é de admirar que estes homens se considerem ou sejam considerados como os únicos encarregados de cuidar do corpo. (PLATÃO, *Górgias*: 517 d-e).

A citação de Platão ratifica o desenvolvimento das atividades urbanas ao afirmar que era possível fornecer ao corpo alimento se tiver fome, bebida se tiver sede, vestes e cobertores caso sinta frio. Todos estes produtos seriam fornecidos pelos varejistas, comerciantes por atacado e artífices que as fabricam e as colocavam a disposição dos consumidores. Consideramos que tais atividades reforçam a existência de um espaço geográfico urbano destinados aos atenienses, metecos e escravos envolvidos nas atividades comerciais e mercantis. O desenvolvimento urbano com atividades alternativas ao cultivo do campo promoveu o enriquecimento de alguns setores e a expansão de outros, trazendo, por vezes, dificuldades devido ao excesso de concorrência, afinal, qualquer problema econômico que envolvia a pólis, a sociedade *face a face*, afetava diretamente as atividades do pequeno comércio emergente.

Aristóteles reafirma o lugar social dos integrantes da aristocracia ao expor a indignação que causava a presença dos emergentes, os novos ricos em busca de ascensão social, a saber:

... as pessoas que possuem um bem ou o adquiriram recentemente e a ele devem a sua prosperidade excitam mais indignação. È por isso que os novos ricos causam mais pena do que aqueles que o são há muito tempo, e

de nascença; o mesmo acontece com os governantes, os poderosos, os que têm muitos amigos, os bons filhos e coisas do mesmo gênero. E se tais bens lhes servem para adquirir outros, a nossa indignação mantém-se mais acesa (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1387a, 25-30).

Para o filósofo, a riqueza recente oriunda das atividades comerciais era considerada de má qualidade e não qualificava os emergentes a participarem da administração pública da pólis atuando como magistrados. Claude Mossé afirma que o integrante da aristocracia fundiária menosprezava os emergentes oriundos das atividades mercantis, representados pelo entreposto mercantis/empório, por banqueiros, por armadores e negociantes de grãos (MOSSÉ, 1993: 28).

Embora a riqueza tenha formação diferenciada, havia pontos comuns entre eles: frequentavam os mesmos lugares e usavam a riqueza para manterem as liturgias que lhes conferiam prestígio, apoio político e lugar de memória. A elite social de Atenas entra num processo de renovação e o acesso à magistratura política e militar deixa de ser monopólio da aristocracia, levando a existência de uma clivagem social ao permitir que o ateniense enriquecido com o comércio também tenha acesso às disputas políticas, construa o seu lugar de fala visando a celebração de suas memórias.

Consideramos que meados do V século como o início da construção de uma nova identidade cujo espaço geográfico foi demarcado pelo Pireu como *lugar de memória* do cidadão ateniense envolvido com as atividades mercantis. Heródoto (VII:144) e Aristóteles (Ath. Pol. XXII) trazem à memória dos atenienses a ação de Temístocles, que decidiu não distribuir os rendimentos das minas de prata de Laurion para direcionar os recursos para a construção de trirremes. Não podemos esquecer que Temístocles, embora pertencesse ao grupo dos enriquecidos jovens atenienses, estava alijado de participação plena de ritos e cultos familiares desenvolvidos em Faleros pelo fato de ser um *nothoi*, ou seja, um bastardo por parte de sua mãe oriunda da Trácia. S. C. Humphreys, no artigo *The Nothoi of Kynosarges* (1974), nos informa sobre a condição cívica dos *nothoi* em Atenas no período clássico. A autora ratifica o valor dado a paternidade de cidadãos atenienses legalmente casados, pois os filhos bastardos teriam dificuldades de acesso às atividades ritualizadas realizadas junto aos familiares paternos (HUMPHREYS, 1974: 74).

O *ginasium*, lugar de treinamento dedicado a Héacles de Kynosarges, tornou-se o *topos* dos bastardos e enriquecidos, o espaço foi adotado por Temístocles de Atenas como

lugar de fala dos *nothoi*/bastardos. A área de treinamento passou a congregar atividades atléticas e cultos religiosos, formando um *thiasos*¹¹ (associação atlética e religiosa) em substituição à *fratria* paterna da qual eles estavam excluídos de participação. Podemos atribuir a Temístocles a liderança pelo comportamento dos *nothoi*/bastardos como um grupo social que fez emergir uma nova organização e uma nova memória. Os integrantes eram voluntários que faziam questão de serem identificados como um jovem *grupo de nothoi* bem-nascidos visando manter a distinção do jovem grupo *dos metecos* (estrangeiros residentes em Atenas) que utilizavam o mesmo espaço físico do templo de Hércules de Kynosarges para a prática do exercício atlético na região que ficava à margem da pólis de Atenas.

Consideramos Temístocles como o responsável pela ação revolucionária empreendida em 483/2, quando os atenienses decidiram pela construção de uma força naval, fato que proporcionou a liderança unipolar de Atenas no Mar Egeu a partir do Porto do Pireu (CANDIDO, 2016: 110). A materialidade e a construção do rito serão consolidadas com o assentamento do túmulo de Temístocles, que se torna *lugar de memória* do herói ateniense diante da vitória em Salamina, no qual jaz o seguinte epitáfio: “*Tua tumba, levantada neste sítio, servirá de sinal a todos os navegantes que dela avistar transitando pelo porto e as naus que ali competirem* (PLUTARCO, *Temístocles*, 32).

Foi através do Porto do Pireu que Atenas manteve hegemonia sobre o Mar Egeu. Através de cinco distritos estabelecidos pela Liga Délio Ática, a pólis patrulhava militarmente e mantinha ativo comércio na região do Mar Egeu. As embarcações mercantes atenienses singravam as águas do Mar Egeu lotadas de *pithós* com vinho e azeite e escoltadas pelas leves e velozes trirremes prontas para o ataque e defesa do espaço geográfico marítimo do Egeu. Os distritos navais atenienses que demarcavam territorialidade dividiam-se em: Distrito Jônico compreendendo as cidades da Ásia Menor; Distrito Cário: ilhas de Cós, Rodes e cidades costeiras entre Fasélis e Halicarnasso; o terceiro distrito era composto pelas ilhas Cíclades Lemnos e Esquira; o quarto distrito composto pelas cidades da costa trácia; e por último, o Distrito do Helesponto que compunham as cidades de Bósforo e Pronpôtida (MOSSÉ, 2004: 82-83).

¹¹ Ver Nicholas F. Jones na obra *The Associations of Classical Athens: response to Democracy*, 1999.

Na construção do novo *imaginário social* ateniense do século V a.C., o Pireu será um lugar de memória fundamental, visto que permite a projeção do seu espaço marítimo. Este último, embora seja originário das relações políticas com o *espaço geográfico terrestre* e a este se interligue de maneira complementar; o *espaço geográfico marítimo* possui propriedade como a peculiaridade de ser um lugar de ação política dos *thetes* – segmento social de quem a pólis dos atenienses passou a ser dependente ao final do século V a.C.

Na particularidade do caso ateniense, o fator de identidade seria a liberdade, portanto, abarcaria a participação de todos os cidadãos (OBER, 2008, *Passim*). Fato que nos faz entender a crítica de Pseudo Xenofonte, ao trazer a *oclokracia*, forma de governo considerada uma degeneração do modelo democrático. Na *oclokracia*, todo o cidadão detém participação ativa na construção de seu lugar de identidade junto a pólis independentemente do tipo de riqueza. A ação estaria transformando a antiga memória tradicional da pólis de cunho aristocrático baseado no ideal de cidadão-camponês soldado. A evidência se materializa através da proeminência do *espaço geográfico* voltado para as atividades marítimas cujos ritos e mitos localizam-se na região do Porto do Pireu, lugar de memória e monumento de culto dos emergentes das atividades comercial e mercantil que representou a emergência da identidade da polis no processo social político de Atenas no período Clássico.

Concluimos este ensaio afirmando que a memória dos atenienses tem nos mitos e ritos a sua base de sustentação para organizar e realizar as suas comemorações. Entretanto, detém a peculiaridade de manter a isonomia política entre os cidadãos; porém, percebe-se uma hierarquia social no campo religioso. Entendemos que somente na forma de governo democrático em Atenas foi possível a emergência das atividades comerciais e mercantil em alternativa à escassez de atividades no campo. A democracia ateniense abrigou os preceitos da aristocracia com seus ritos provenientes de tempos imemoriais, realizados no espaço geográfico de Faleros demarcando o *lugar de fala* das famílias tradicionais cuja memória dos ancestrais era transmitida aos jovens efebos. Entretanto, a mudança conjuntural para uma nova ordem econômica permitiu a emergência dos novos ricos envolvidos com as atividades relacionadas ao mar, que gradualmente também constroem os seus mitos e ritos e instauram o seu lugar de memória no espaço geográfico do Pireu.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓFANES. *Aves*. Tradução de Maria de Fátima Sousa Silva. Lisboa: Edições 70, 1989.

ARISTOTELES. *A Política*. Tradução; Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Editora Atena 1957.

ARISTOTELES. *The "Art" of Rhetoric*. Englis Translation by J. H. Freese. Massachusetts, USA: Harvard University, 1926. (Loeb classical library collection, XXII, nº 193).

BURKE, P. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

BURKET, W. *Religião Grega na época Clássica e Arcaica*. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

CANDIDO, M. R. *Atenas, liderança unipolar no Mar Egeu (480-411)*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ-Letras e Versos, 2016.

CANDIDO, M. R. *A Feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Letra Capital, 2004.

CANDIDO, M. R. *Medeia, Mito e Magia: a imagem através do tempo*. Rio de Janeiro: NEAUERJ, 2010.

CASSON, L. *The Ancient Mariners: seafarers and sea fighters of the Mediterranean in Ancient times*. New Jersey: Princeton University, 1991.

CORVISIER, J. N. *Les Grecs et la mer*. Paris. Les Belles Lettres, 2008.

DETIENNE, M. *Comparar o Incomparável*. Tradução de Ivo Stomiolo. SP: Editora Idéias e Letras, 2004.

DICKS, T. R. B. Piraeus: The Port of Athens. *The Town Planning Review*, v. 39, n. 2, p. 140-148, 1968. Published by: Liverpool University Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40102613>. Accessed: 21/02/2018.

EVANS, N. *Civic Rites: Democracy and Religion in Ancient Athens*. University of California Press, 2010.

FERRARI, G. *Figures of speech: men and maiden in ancient Greece*. Chicago: University Chicago Press, 2002.

FIALHO, M. do C. Paisagens Marinhas no Hipólito de Eurípedes. In: OLIVERIA, F; TEIXEIRA, C.; DIAS, P. *Espaços e Paisagens*. Antiguidade Clássica e Heranças

Contemporâneas. Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009.

FINLEY, M. I. The Fifth-Century Athenian Empire: a balance sheet. In: GARNSEY, P. D. A. et. al. *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

FINLEY, M. I. *La Grecia Antigua: Economía y Sociedad*. Barcelona: Editorial Critica, 1984.

FINLEY, M. I. *Politics in the Ancient World*. London: Cambridge University Press, 1983.

FOUCART, P. F. *Des associations religieuses chez les Grecs, thiasés, éranes, orgéons*.(classic reprint). Paris: Forgotten Books,(1975) 2018.

GARLAND, R. *The Piraeus: from the fifth to the first century B.C*. London: Duckworth, 1987.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e Identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: Ed. UFF, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

HERODOTO. *Historias*. Introducción, versión, notas y comentarios de Arturo Ramirez Trejo. Cida del México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1984.

JONES, N. F. *The Associations of Classical Athens: response to Democracy*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999.

LAMBERT, S. D. *The Phratries of Attica*. Michigan: Ann Harbor, 1999.

LEFEBVRE, H. *La Production de L'espace*. Paris: Antropos, 2000.

LE GOFF, J. *Memória e História*. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Unicamp, 1992.

LEWIS, D. M. *The Cambridge ancient history: The fifth century B.C*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

LORAUX, N. *Invenção de Atenas*. Tradução de Lílian Valle. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LORAUX, N. *La ciudad dividida: el olvido em La memória de Atenas*. Traducción Sara Vassallo. Madrid: Kats Editores, 2008.

LOW, P. *The Athenian Empire*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

MACHADO, I. A. P. História, Patrimônio e Cidade: uma questão política. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 7, Jul./Dez. 2012.

MOSSÉ, C.. *La fin de la démocratie athénienne, aspects sociaux et politiques du déclin de la cité grecque au IV^e siècle avant J.-C.* Paris, Presses universitaires de France, 1962.

MOSSÉ, C. “*Le Mythe de Solon et La démocratie athénienne*”. *Annales: Économies, Société, Civilisations*. (34^o année, Mai-Juin 1979). Paris: Armand Colin, 1979.

MOSSÉ, C. *La Grèce Archaique D’Homère à Eschyle*, Paris, Seuil, 1984

MOSSÉ, C. *O cidadão na Grécia antiga*. trad. de Rosa Oliveira. Lisboa: Ed.70, 1993.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: Projeto História. Tradução de Yara Aun Koury. *Revista de Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: PUCSP, 1981, p. 7-28.

OBER, J. *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual Critics of Popular Rule*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

OBER, J. The original meaning of Democracy: Capacity to Do Things, not Majoritarian Rule. *Constellations*, v. 15, n, 1, 2008.

OBER, J.; HANDRICK, C. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

PILZ, O. The performative aspect of greek ritual: the case of the athenian oschophoria. In: HAYSOM, M.; WALLENSTE, J. *Current approaches to religion in ancient greece*. (Papers presented at a symposium at the Swedish Institute at Athens, 17–19 April 2008). Stockholm: Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, series In 8^o, 2; 2011.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Tradução introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Editora, Fundação Calouste Gulbkien, 1980.

PLATAO. *Górgias*. Tradução do Grego, notas e introdução de Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1992.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Theseo, Rômulo, Licurgo, Numa, Sólon, Púbicula, Temístocles, Camilo Péricles, Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Sólon e Púbicula*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2010.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Tradução Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: Vol. 5, nº 10, 1992.

PSEUDO-XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses*. Tradução do Grego, Notas e Índices; Pedro Ribeiro Martins. Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanístico da Universidade de Coimbra, 2011.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França, São Paulo: Ática, 1993.

RAFLAUB, K. Equalities and inequalities in Athenian Democracy Equalities and inequalities in Athenian Democracy. In: OBER, J.; HANDRICK, C. *Démokratia: a conversation on Democracies, Ancient and Modern*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

RAFLAUB, K.; OBER, J; WALLACE, R. *Origens of Democracy in Ancient Greece*. Berkley, Los Angeles Angeles, London.: University of California Press, 2008.

SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC / EDUSP, 1978.

SANTOS, M. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

STRAUSS, B. S. *Fathers & Sons in Athens: Ideology and Society in the Era of Peloponnesian War*. London: Routledge, 1993.

TAILLARDAT, J. La trière athenienne et la guerre sur mer aux V^e et IV^e siècles. In: VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Trad. De Isis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

TAILLARDAT, J. *Problèmes de La Guerre em Grèce ancienne*. Paris: Ed. École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1999.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Translated by Rex Warner, with an Introduction and Notes by Moses I. Finley. New York: Penguin Grup, 1972.

CONSULTAS ELETRÔNICAS

HUMPHREYS, S. C. The Nothoi of Kynosarges. *The Journal of Hellenic Studies*, vol.94 (1974) p.88-95 (<http://www.jstor.org> accessed 24/05/2016).

Recebido em: 20 de abril de 2019

Aceito em: 03 de agosto de 2019